



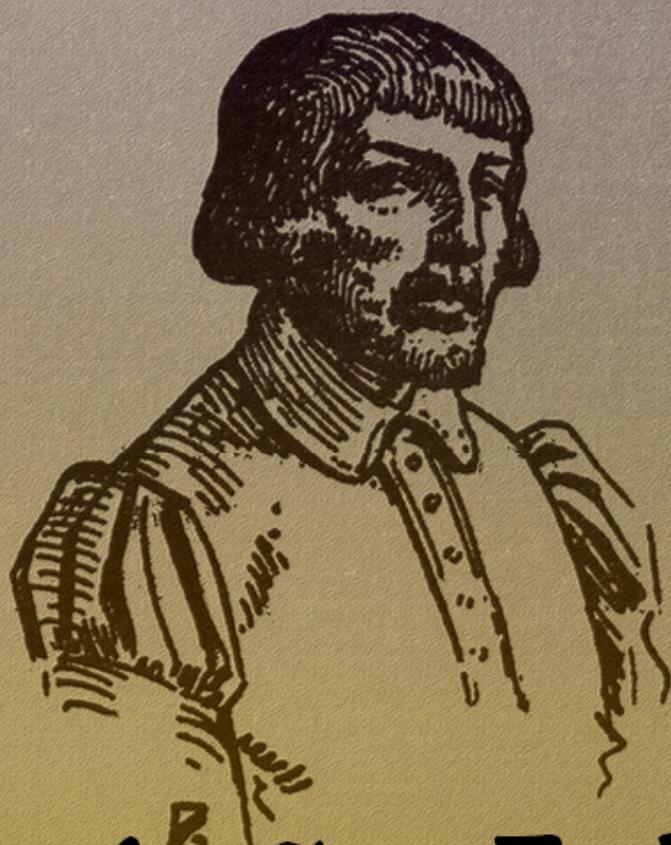
Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"O livro é um mudo que fala, um surdo que responde, um cego que guia, um morto que vive."

Padre Antônio Vieira

Literatura



Cristóvão Falcão
Crisfal



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Crisfal

Cristóvão Falcão

Adequação ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1554.

Livro Digital nº 347 - 2ª Edição - São Paulo, 2019.

Poesia - Literatura Portuguesa.

Cristóvão Falcão
(1512-1557)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, MOBI, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

CRISTÓVÃO FALCÃO: VIDA E OBRA

Pode-se com segurança fixar o ano de 1515, como do nascimento de Cristóvão Falcão. Como filho de fidalgo tinha direito a ser inscrito aos doze anos moço fidalgo, sendo por isso assentado na Moradia da Casa real, recebendo por procuração de seu pai o primeiro quartel em Lisboa em 30 de janeiro de 1527. Por esta data se chega à determinação do tempo em que começaram os seus precoces amores com uma criança gentil de estirpe espanhola, D. Maria Brandão Sanches, que na exaltação da adolescência fizeram entre si o casamento à furto, segundo o costume corrente no século XVI. Para que esse casamento fosse validado, segundo as Constituições do Arcebispado de Lisboa, canonicamente se exigia que o jovem tivesse quatorze anos e a menina doze, a perfeita sexualidade.

*Sendo de pouca idade,
não se ver tanto sentiam,
que o dia que não se viam,
se viam na saudade
o que ambos se queriam.*

.....
*E com quanto era Maria
pequena, tinha cuidado
de guardar melhor o gado
o que lhe Crisfal dizia;
mas, enfim, foi mal guardado.*

Quando a família de *Maria* soube dessa travessura, convenceu-a de que o jovem Falcão, filho do soberbo Capitão da Mina, fazia caça à sua riqueza, como filha única. Quando ela disse ao *Crisfal*, que não

era válido o casamento por não ter a idade requerida, o apaixonado moço lembra-lhe a sua própria:

*Quando vos dei a vontade,
inda vós éreis menina
e eu de pouca idade...*

.....

*Mas que fosse assim e mais,
que remédio vos dão
com quem conselho tomais
à grande obrigação
em que, quanto a Deus, me estais?*

Com os *quatorze anos*, em 1529, ele julgava-se adstrito ao seu enlace, como ela tinha igual obrigação grande por achar-se então com os *doze anos* da Constituição arquiépiscopal; tinha por tanto *Maria* nascido em 1517. Tudo isto se confirma e fundamenta com documentos da Feitoria de Flandres, referentes ao pai de *Maria*.

Barbosa Machado, levado pelas notícias genealógicas confusas, aponta o nome de *D. Maria Brandão*, como a pastora do *Crisfal*; embora compile dados sincréticos dos homônimos de Cristóvão Falcão e das famílias dos Brandões, induziu a crítica a estabelecer a definitiva veracidade. Foi laboriosa essa diferenciação; abandonada a filiação, dada por Alão de Moraes, dos Brandões de Coimbra, outros linhagistas, como Diogo Gomes de Figueiredo, e os três códices da Biblioteca da Ajuda, apontam *D. Maria Brandão*, ou *Brandoa*, com o epíteto de *a do Crisfal*, sendo filha única de João Brandão Sanches, que foi Feitor de Flandres. No Nobiliário de Manso de Lima, *Famílias de Portugal* e no de Rangel de Macedo é seguida esta filiação, autenticada pelos Documentos da Feitoria de Flandres publicados no *Arquivo histórico*. Alguns fatos e datas da vida de João Brandão Sanches levam-nos ao conhecimento preciso da situação da namorada de *Crisfal*. Filho segundo de João Sanches, de nobreza castelhana, e de Isabel Brandão, este João Brandão Sanches começou a servir o rei D. Manuel como agente financeiro em

Flandres em 1509 (cartas de 8 de agosto, 9 e 10 de novembro) servindo até 1513, em que por carta de 21 de outubro se lhe ordena a entrega da Feitoria a Salvador Nunes. Feita a entrega, pelo auto datado de 12 de janeiro de 1514, regressou João Brandão Sanches a Portugal, depois de quite em 27 de agosto deste ano. Permaneceu dois anos em Lisboa, onde esteve como Vereador, sendo nomeado Comendador de São João de Cabanas, da Ordem de Cristo, em 1516.

Depois desta mercê, casou com Guiomar de Refoios, filha de Pantaleão Dias de Landim e de Maria de Refoios. Nasceu deste enlace uma menina, *Maria*, a das doces lágrimas, a Brandoa, a do *Crisfal*, em 1517. Tomou parte na cerimônia da quebra dos escudos pela morte do rei Dom Manuel, voltando segunda vez para Flandres, começando a servir na Feitoria portuguesa em 1 de dezembro de 1520. Convinha-lhe ocupar aquela rendosa comissão, e por carta de 23 de fevereiro de 1522, de Carlos V a seu cunhado D. João III, conseguiu ser conservado como Feitor. Não voltou mais a Portugal, porque faleceu no fim de agosto de 1526, como se deduz pela carta de quitação passada a seus herdeiros, a mulher e a filha, a 5 de novembro desse ano.

Apurados estes fatos, contava a gentilíssima Maria Brandão nove anos de idade, quando ficou órfã de pai. Criada como filha única e com a ternura da viuvez materna, a sua fibra castelhana atávica acordou-lhe o temperamento; as duas famílias do Capitão da Mina e de Pantaleão Dias, como alentejanas aproximaram-se, conviveram, e as duas crianças brincaram descuidadas, simulando e imitando o que viam. Eram então frequentes os casos de *casamentos a furto*, como o de D. Guiomar Coutinho e o Marquês de Torres Novas; talvez o espírito de imitação determinaria essa união simpática, que florescia como um primeiro amor, em 1530, quando *Maria* atingiu os *doze anos* da idade canônica. Aonde se se passava esta aventura, que tomava o aspecto da pastoral de *Dafne e Cloé*, da época alexandrina? Di-lo o poeta, quando veio a narrar os sofrimentos do seu amor em uma Égloga incomparável:

*Entre Sintra, a mui prezada,
e serra de Ribatejo
que Arrábida é chamada,
perto donde o rio Tejo
se mete nágua salgada,
houve um pastor e pastora,
que com tanto amor se amaram
como males lhe causaram
este bem, que nunca fora,
pois foi o que não cuidaram.*

Aqui se define o lugar da ação idílica. Mais tarde o poeta Dr. Antônio Ferreira, ao celebrar os seus amores com D. Maria Pimentel, localiza-os por esse tópicó:

Tejo, triunfador do claro Oriente,
.....

E antes que ao mar pagues seu tributo
À destra mão da tua praia, um monte
Com graciosa soberba se alevanta,
Ali fiquei ao meu amor sujeito.
Ali as tuas águas parte...

Também Bernardes, ao falar de uns amores refalsados, acentua na Carta XIV:

*Enfim, até chegar lá onde o Tejo
Em águas de Netuno se mistura,
Nem descansara o pé nem o desejo.*

Há quem infira que a estrofe do *Crisfal* se refere a Oeiras, por documentos judiciais; é uma alumiada planura para correrem crianças à solta. *Maria* não pôde por muito tempo conservar o seu segredo íntimo, a sua loucura de amor:

*Que, depois de assim viver
nesta vida e neste amor,
depois de alcançado ter
maior bem para maior dor,
enfim se houve de saber
por Joana, outra pastora,
que a Crisfal queria bem.
Mas o bem que de tal vem
não ser bem maior bem fora,
por não ser mal a ninguém.*

*A qual, logo aquele dia
que soube de seus amores,
aos parentes de Maria
fez certos e sabedores
de tudo quanto sabia.*

Quem era esta *Joana*, também criança, que denunciara o casamento a furto de Maria, por impulso de tácita rivalidade? Julgamos poder identificá-la com Joana Brandão casada com João Patalim, ao que se opõe a distância de idade e de prima remota; nos Brandões de Coimbra, aparece-nos uma Joana de Souto Maior, com quem *casou por amores* João Brandão, filho de Fernão Brandão, e neto do *Secretario do Cardeal Infante*.

Em 1531, desvendado o segredo do casamento das duas crianças, a família de *Maria* tratou de apartá-la para longe, para casa dos parentes de Elvas; mas a sorte de Cristóvão Falcão tornou-se cruenta, porque o severo Capitão da Mina prendeu o filho no Castelo de São Jorge, como se descobriu por uma carta de Francisco Botelho a D. João III, falando do filho de João Vaz de Almada Falcão. Agora vemos o valor da rubrica que foi posta à Carta em redondilhas emparelhadas, que precedeu a composição do *Crisfal*: "*Carta, estando prezo, que mandou a uma Senhora com quem era casado a furto contra vontade de seus parentes dela, os quais a queriam casar com outro, sobre que fez (segundo parece) a passada Égloga.*"

João Vaz de Almada Falcão exerceu sobre o filho o pátrio poder segundo o direito romano *vitai et necis*; prendeu o enamorado filho no Castelo, em cárcere duro. Escreveu Cristóvão Falcão em forma de Carta, em sua angustiada solidão:

*Os presos contam os dias
Mil anos por cada dia;
Mas os meus, sem alegria,
Como os passarei eu,
Verdadeiro amor meu.*

.....

*Mal, cuja dor se não crê,
De prisão e de ausência,
Pois, sem pecar, penitência
Faço detrás de uma grade*

.....

*Bem se enxerga de meus danos,
Que estou prezo há cinco anos,
Afora os que hei de estar...*

Cristóvão Falcão conhecia, que mais do que as penas o separavam de Maria Brandão as intrigas da família dela:

*Pois que vos escrito tenho
Por que não vejo resposta?
Quem vos pôs no que estais posta,
Que palavras vos disseram
Que mais que a razão puderam,
Que já entre nós pusemos?
Cuidai quanto nos quisemos,
E não vos possa mudar
Dizer que vos podem dar
Outrem, que tenha mais que eu.*

Era justamente este argumento da pobreza do Capitão da Mina, que a família de *Maria* empregava, e o que mais encarniçava a soberba

nobiliárquica de João Vaz de Almada, desagravando-se sobre o filho. Cinco anos se tinham passado desde a denúncia de *Joana*, estava-se no ano de 1536, em que o gênio poético de Cristóvão Falcão se revelava em pequenas Esparsas e Cançonetas. O desastre da vida de Bernardim Ribeiro, ferido de mal de amores *que não tem cura*, como diz o povo, provocava um simpático interesse; e na sua segunda ausência da corte, imprimiram-lhe em folheto avulso a assombrosa Égloga intitulada *Trovas de Dois Pastores*, Silvestre e Amador. Não é possível achar linguagem mais veemente e sentida para exprimir a tempestade moral de um espírito que vai afundar-se na loucura. Cristóvão Falcão, na pujança dos seus vinte e um anos leu esse folheto de Bernardim Ribeiro, que mão estranha publicou em uma forma desengraçada. Bateu em cheio esse foco de luz na alma de Cristóvão Falcão, e deu largas às suas emoções escrevendo as *Trovas do Pastor Crisfal*, em que se reflete o fulgor do original. Pelo tema dessa Égloga depreende-se que ela fora escrita estando já o poeta solto da prisão do Castelo. Por certo a intervenção carinhosa de D. João III domou a ferrenha autoridade de João Vaz de Almada; porque pela carta de Francisco Botelho, aludindo a Cristóvão Falcão, diz — o que aí esteve prezo no Castelo; e a missão em que o rei o mandou a Roma foi um mero pretexto para o libertar da crueza do pai e afastá-lo de Lisboa para evitar agravos. Entre 1536 e 1541, em que Cristóvão Falcão partiu com a missão secreta para Roma, é que foram escritas as *Trovas do Pastor Crisfal*; nesse texto vem a décima, suprimida depois, em que falava dos projetos de casamento de Maria, por os dois pretendentes

*... já mostrar que temiam
que o sabor de teus beijos
na minha boca achariam.*

Solto da prisão pelo rei, que tanto prezava os poetas, Cristóvão Falcão foi relegado pela dureza do pai para Portalegre, aonde tinha a sua parentela; foi um conforto para o poeta, quando soube estar Maria Brandão em Elvas. Fácil se lho tornou o falar-lhe, e sabendo-o a família Brandão, tratou de enclausurá-la no Mosteiro cisterciense de Lorvão. Em uma estrofe do *Crisfal*, diz Maria:

*Quando contigo falei
aquela última vez,
o choro que então chorei
que o teu chorar me fez,
nunca o eu esquecerei.
Foi esta a vez derradeira
mas começo de paixão,
passando-me eu então
para o casal da Figueira,
do Vale de Pantaleão.*

.....

*Por ti vim eu desterrada
a estas estranhas terras
de donde eu fui criada;
e por ti, entre estas serras,
em vida são sepultada,
onde a se me perderam
a flor dos anos se vão;
ora julga se é razão
das minhas lágrimas serem
menos daquelas que são.*

O poeta aponta em uma estância do *Crisfal* o mosteiro em que foi recolhida Maria Brandão:

*Indo não com menor dor,
Em que já com mais sossego,
Os ventos me foram pôr
Depois de passar Mondego
Sobre as serras de Lor.
Vão ali grandes montanhas
De alguns vales abertas,
Todas de soutos cobertas,
Aos naturais estranhas,
Mas à saudade certas.*

Tiveram os parentes de Maria de sequestrá-la à sua paixão, como o dissera Barbosa Machado, "recolhida no Convento Cisterciense de Lorvão":

*Então descontentes disto
Levaram-na a longes terras,
Esconderam-na entre umas serras
Onde o sol não era visto...*

*Chorando a lembrança dela,
Virada foi minha face
Para onde o gado pasce,
Da grande Serra da Estrela,
Da qual o Zêzere nasce.*

O mosteiro de Lorvão, onde *Maria* tinha varias primas dos Brandões Sanches e dos de Coimbra, era ocupado por perto de trezentas freiras, noviças e recoletas, de costumes de tanta desenvoltura, que D. João III se viu forçado a representar ao papa, pedindo a sua reforma. Nesse meio, fácil foi persuadir *Maria* a aceitar um casamento de conveniência, para assim se ver dali fora. Cristóvão Falcão, sob a dependência da pesada autoridade paterna, não podia ir a Lorvão; representou essa visita em um *Sonho*, que é o centro da ação do *Crisfal*:

*Muito a vi eu mudada;
mas, com tudo, conheci
ser a minha desejada,
a quem , assim vendo, vi,
a vista no chão pregada,
com o seu cantar pensoso
e passadas esquecidas,
ao tom dele medidas,
vestida vir de arenoso,
as mãos nas mangas metidas.
Uma coifa não lavrada,
antes sem nenhum lavor.*

O colóquio amoroso entre os dois namorados, pela eloquência do coração a mais fecunda e verdadeira, é inigualável; *Maria* expõe-lhe os motivos porque a família a enclausurara:

*Que me dão certa certeza,
porque fazem conhecer-me
(o que eu hei por grande crueza)
o amor que mostras ter-me
ser só por minha riqueza.*

A este golpe, que tão intimamente o fere, com um acento dorido dá-lhe a resposta que a imaginação não podia descobrir ante a imponente realidade:

*Quando vos dei a vontade,
inda vós éreis menina
e eu de pouca idade;
mas caiu minha mofina
sobre a minha verdade.
Muito vos quis bem, primeiro
que de riquezas soubesse.*

E além desta malsinação para a dissuadirem desse amor, também lhe diziam que não eram válidas as promessas do casamento a furto, por não ter os doze anos completos, podendo portanto arrepende-se:

*Isto e mais se me diz
— crê que te falo verdade —
que não tinha liberdade
para fazer o que fiz,
por minha pouca idade.*

Sentindo-se oprimido por este desmoronamento de todas as suas esperanças, o poeta afoga-se nas lágrimas silenciosas; *Maria* abraça-o para alentá-lo:

*Ó mesquinha,
como pude ser tão crua!"
bem abraçado me tinha,
a minha boca na sua
e a sua face na minha.
Lágrimas tinha choradas
que com a boca gostei;
mas, com quanto certo sei
que as lágrimas são salgadas,
aquelas doces achei.*

Aqui o poder da palavra excede a magia da música e da pintura; é a divina Poesia. O amor é como a criança, quanto mais o ameigam mais dorido se mostra. *Crisfal* debulhava-se em lágrimas neste êxtase fugitivo:

*Então ela, assim chorosa
de tão choroso me ver,
já para me socorrer,
com uma voz piedosa
começou-me assim dizer:
— Amor de minha vontade,
ora não mais! *Crisfal* manso,
bem sei tua lealdade:
ai, que grande descanso
é falar com a verdade!*

A *Égloga* de *Crisfal*, empolgante pela sua beleza poética, reservadamente conhecida por cópias manuscritas, provocava também interesse pelas alusões a sucessos contemporâneos da vida palaciana, escândalos como o do casamento clandestino de D. Guiomar Coutinho com o Marquês de Torres Novas, ou o de D. João Lobo, filho do Barão de Alvito, com D. Juliana, filha do Marquês de Vila Real. O local em que se passaram os amores de *Crisfal* — entre Cintra a mui prezada e a serra de Ribatejo, que *Arrábida* é chamada — é esse o sítio para onde o Marquês de Torres Novas havia sido desterrado da corte depois da queixa do velho Conde de Marialva.

Era neste sítio que o Marquês tinha as suas principais herdades. No *Crisfal* vem a referência a este clamoroso pleito em que o Marquês foi condenado nos tribunais canônicos e civis por declarar o seu casamento clandestino com D. Guiomar Coutinho, prometida ao infante D. Fernando, irmão de Dom João III.

*Em um vale, descontente
estar Antônio vi,
que quase não conheci,
sendo bem meu conhecente.
Chorando lágrimas mil,
estava consigo só
ao modo pastoril
de dó, bem para haver dó,
tinto o hábito vil.*

Cristóvão Falcão achava-se em situação análoga, para na sua desventura lembrar-se daquele amigo:

*Deus lhe dê contentamento,
Pois que nos fez a ventura
Companheiros na tristura,
E que seu e meu tormento
Cada vez têm menos cura.*

Cristóvão Falcão acentua mais a realidade do quadro:

*Já serranas ao abrigo
se iam, os prados deixando,
as mais delas suspirando:
uma dizia: — Ai, Rodrigo!
outra dizia: — Ai, Fernando!*

Fernando é o infante, que o rei D. Manoel determinou casar com a filha do Conde de Marialva, para assim apanhar-lhe a riqueza.

Parece que alguma cantiga popular aludiu a este fato; pelo que diz Simão Machado:

*Como me cantais por aí,
Namorado andais, Fernando.*

Uma sátira anônima do século XVI acusa o rei D. Manoel por ter joeirado o tesouro do grão Marialva. Não é de admirar que a parte emocionante do casamento de D. Guiomar Coutinho entrasse na corrente da tradição popular; em um romance oral da ilha da Madeira, descreve-se o exílio do namorado D. Henrique de Alencastro:

*Neste cerrado arvoredo,
Neste bravio montado,
Aqui vivo como bicho,
Entre rochas enterrado.
Vai-se o dia, vem a noite,
Nada pra mim é mudado,
De minhas penas sustento
O triste de mim coitado.*

*D'Alencastro,
Dos Duques desta linhagem
Sou o único herdeiro...
Um Conde novo na corte,
O meu amor invejava;
El-rei com minhas heranças
Dona Guiomar também dava.*

*— Ai, Dona Guiomar de Castro,
Quem cuidara, quem diria,
Que tu me foras traidora
Quando as juras te ouvia!*

*Palavras não eram ditas,
Dona Guiomar que aparecia.*

*Jurei ser tua mulher,
Doutro não, nunca seria
Que me custasse a vida,
Minhas juras cumpriria.
A ti tudo te roubaram,
Tudo por ti deixaria...
Dona Guiomar, aqui estou,
Para tua companhia...*

Efetivamente, pouco tempo depois de casada D. Guiomar Coutinho com o Infante D. Fernando, ambos pereciam misteriosamente. Na sua Égloga *Andrès* figurou Sá de Miranda este caso, que chegou a penetrar na corrente da poesia popular.

Ai, Rodrigo! aludirá ao Barão de Alvito, D. Rodrigo Lobo, cujo filho casara clandestinamente com D. Juliana, filha do Marquês de Vila Real, dando o escândalo de "sendo menor, ter entrado em casa dela de noite em Santarém, escalando e forçando uma janela para tirar certas peças de vestuário."

Outro escândalo amoroso da corte se deu com o velho Duque D. Jorge de Lencastre, com D. Maria Manoel, dama de rainha, de dezesseis anos, que ele pretendia desposar.

O magoado *Crisfal*, ouvindo uma pastora cantando, aludir à sua Maria, escutou:

*Troquei amor per riqueza
Porque mo trocar fizeram...
Meu esposo aborreço,
Quando me à lembrança vem
Do primeiro querer bem...*

Reconheceu-a, na *Elena* (D. Maria Manoel):

*E então que era Elena,
Minha amiga, conheci,*

*Esta Dama e pastora,
Certo que melhor lhe ia,
Quando a cantar ouvia,
Dando fé, que em sua cama
O velho não dormiria.*

É uma evidente e direta alusão aos amores do velho Duque D. Jorge, bastardo de D. João II, caso que provocou riso na corte e a cantiga, vulgarizada no século XVI, do *Velho malo em minha cama*. Quando Camões escreveu a comedia de *El-Rei Seleuco*, também aludiu a um escândalo amoroso, fazendo referência à cantiga:

*Ouviste vós cantar já
Velho maio em minha cama?*

A cantiga foi adaptada ao caso, de uma forma antiga ainda empregada por Gil Vicente:

*Bien quiere el viejo,
Ay, madre mia!
Bien quiere el viejo
A la niña.*

No romance popular da ilha da Madeira, que descreve os amores do namorado de D. Guiomar de Castro, vem uma referência ao velho duque:

*Entrementes a meu pai
Que tão leal se mostrava,
Por mexericos de um conde
Logo el-rei o condenava.*

*Mas quando foi a Justiça,
Que por ele procurava,
Já não achou quem prender.
De morrer ele acabava.*

Dom João III apreciava a boa poesia, e teve conhecimento do poeta pelas *nomeadas Trovas*; revela-o a intimidade e confiança para subtraí-lo ao meio certesanescos, enviando-o a Roma para uma missão delicada e de confiança, — o caso do Cardinalato do Bispo de Viseu D. Miguel da Silva.

É uma nova fase da vida de Cristóvão Falcão. Em 26 de dezembro de 1541 partia de Lisboa Diogo de Mesquita com despachos para o embaixador Cristóvão de Sousa, para obter do papa as dispensas para o Duque de Bragança D. Teodósio casar com sua prima D. Isabel de Alencastre.

Em dezembro se conhecera em Lisboa a nomeação do Bispo de Viseu para o Cardinalato, o que produziu em D. João III um grande desespero. Pela carta de Cristóvão Falcão ao rei sobre o caso do Cardeal, vê-se que partira no fim do ano de 1541; neste mesmo ano viu sua irmã D. Braçaida de seu marido Antônio Vaz Mergulhão, natural de Moimenta da Beira, cavaleiro de Avis, que viera residir em Portalegre. Citamos o fato porque Cristóvão Falcão escreve: "*que eu não era no reino.*" Porque era enviado o poeta a Roma, neste caso do Cardeal Silva, reservado *in pectore* em 19 de dezembro de 1539? É essencial expor rapidamente o encadeamento dos fatos.

Dom Miguel da Silva, Bispo de Viseu e Escrivão da Puridade de D. João III, desde o tempo de D. Manuel, depois da sua estada em Paris assistira em 1510 ao Concílio Geral Lateranense, onde se distinguiu contraindo aí amizade íntima com Alexandre Cardeal Farnesi, que foi eleito Papa com o nome de Paulo III. Daí lhe nasceu a incessante aspiração da púrpura cardinalícia, numa vesânia de mais de vinte anos. A pretexto da visita *Ad limina Apostolorum*, saiu abruptamente de Portugal para Roma, deixando os mais altos cargos de que o investiu D. João III. Pareceu uma fuga. Dom João III empregou todos os meios para que o Papa o não criasse Cardeal antes do Infante D. Henrique, seu irmão; quando D. Miguel da Silva alcançou essa primazia, D. João III só pôde ser domado pela interferência de Ignácio de Loyola, atenuando a desobediência do Bispo *sem Viseu* e a

ofensa ao monarca. Paulo III ia nomear o Cardeal Silva seu Núncio *à latere* junto de Carlos V; Dom João III tratou de impedir essa nomeação junto de seu cunhado. Era embaixador de Carlos V em Roma o Marquês de Aguilar, primo-coirmão de João Vaz de Almada, e foi em casa do embaixador que se hospedou Cristóvão Falcão, como se vê pela carta de Francisco Botelho, remetendo uma carta do Marquês de Aguilar ao pai do poeta, para lhe ser entregue por mão de D. João III. O efeito foi imediato; Carlos V não recebeu o Cardeal Silva e o Papa Paulo III teve de substituí-lo por outro Legado que não tivesse ofendido o rei de Portugal. Foi Cristóvão esse *gentil-homem* enviado pelo rei sobre o caso do bispo, das memórias avulsas.

Em 10 de março de 1542, escrevia Cristóvão Falcão a D. João III: " *julgando acertar nisso a vontade real; aí lhe dava conta como entrara em casa do Marquês de Aguilar, embaixador de Carlos V, como em casa de meu primo segundo coirmão, onde sirvo Vossa Alteza naquelas coisas que servir posso...*"

Como identificar este Cristóvão Falcão com o poeta do *Crisfal*? Aí temos a carta de Francisco Botelho de 26 de dezembro de 1542, remetendo a D. João III uma carta do Marquês de Aguilar sobre João Vaz de Almada, "*que traz em sua casa um filho, que lá esteve prezo no Castelo, e trata-o como parente...*" É a prova histórica da rubrica da *Carta*, que acompanha o *Crisfal*, na edição de 1554, impiamente suprimida no intuito de converterem Cristóvão Falcão em um mito. Por estas relações com o Marquês de Aguilar se infere a via como a *Menina e Moça* apareceu manuscrita em Espanha, e com ela se imprimiram o *Crisfal* com o pequeno Cancioneiro que o completa.

Em carta de 1 de outubro de 1542, dirigida por Cristóvão Falcão a D. João III, fala-lhe da questão do Bispo *sem Viseu*, e como se achava em casa do Marquês de Aguilar; e que tendo de ir a Perusa a chamado do Papa, passou pela cidade de Assis onde está o corpo de São Francisco, e também explica as causas da pirataria dos Turcos. Vivia então em Roma, em casa do Cardeal Silva um Antônio Ribeiro, que julgamos ser o autor da *Bucólica*, em *dez Églogas*, publicada em 1586,

segundo Barbosa; fundamo-nos nesse meio de cultura humanista, em que D. Miguel da Silva era o completo luminar. Por este mesmo tempo encontrava-se também em Roma D. Manuel de Portugal, que em 1542 voltara para a corte de Lisboa. No ano de 1543, recebia o embaixador Dr. Baltazar de Faria, carta de D. João III, sendo datada de 31 de agosto, para tratar da reforma do Mosteiro de Lorvão, de cento e sessenta mulheres, freiras, noviças e conversas, que viviam em habitual desenvoltura. Cristóvão Falcão previu que Maria Brandão tinha de sair daquele coio devasso, pelo que se trataria de realizar o seu casamento. Seria a carta do Marquês de Aguilar para ser entregue por mão de D. João III, ao pai do poeta para consentir na sua demora em Roma?

No seu regresso a Portugal ao sair de Roma, cumpria ver Veneza, e em 1543 aí se encontrava o celebre judeu português Diogo Pires (Jacó Flávio), *Pyrrus Lusitanas*, autor de livros de poesia amorosa latina, tendo por muitos anos vivido em Ferrara, onde se imprimiam então livros portugueses nos prelos judaicos. Este fato mostra-nos quem em 1554 poderia em Ferrara interessar-se pelas composições da *Menina e Moça*, e *Églogas* do Bernardim Ribeiro, e publicando no mesmo volume uma edição retocada das *Trovas do Crisfal*, em que primeiro se desvendou o anônimo autor *que dizem ser* Cristóvão Falcão, e o título de *Égloga* em vez de ser *Trovas*, denunciando o espírito clássico de um cultor de poesia amorosa latina.

Pelo ano de 1544 Cristóvão Falcão já estava em Lisboa dando conta da sua missão diplomática; e Maria Brandão deixava o Mosteiro de Lorvão pelos pródromos da reformação. Viram-se os dois namorados? Em uma cançoneta dá-o a entender:

*Vi o cabo no começo,
Vejo o começo no cabo...*

Nas Cantigas e Esparsas que seguem ao *Crisfal* ha situações que revelam ter-se reacendido a paixão de *Maria*. Na segunda parte do *Sonho de Crisfal*, esclarece-se a situação:

*Levantou-me a confiança
Maria, de me querer,
Renovou-me este prazer,
Mas foi prazer de esperança,
E esperança de mulher.*

*Porque crendo alcançaria
Com ela um fim descansado,
Enfim, deixou-me frustrado;
Julga tu que fim teria
Quem se viu tão enganado.
Trocou-me o bem que esperava
Em cruel encerramento;
Meteu-se em certo convento
E a mim que ao vento gritava,
Deixou-me gritar ao vento.*

*E depois que me chegou
A perder vida e sentido,
Escolheu outro marido,
Que nela o prêmio gozou
De meu amor merecido.*

O seu amor afogado logo à nascença, e agora quando tudo o dava por findo outra vez se renovava para maior desilusão, e um *cruel encerramento*. A presença de Cristóvão Falcão na corte tornava-se embaraçosa para a conclusão do casamento de *Maria*; convinha afastar o poeta temporariamente da corte. D. João III, por carta de 21 de março de 1545, despachou-o por três anos para a Capitania da Fortaleza de Arguim. A sua partida e esses três anos de isolamento dão-nos o sentido e o sentimento das composições líricas que se seguem ao *Crisfal*. Nesta ausência é que mão atilada e inconfidente imprimiu sem data e anônimas as *Trovas do Pastor Crisfal*; porque na Carta que de África escreveu Camões em 1547, intercala com intenção na sua prosa muitos versos tomados com sentido aforístico do *Crisfal*, podendo destacar-se versos das estrofes 10, 12, 43 e 85, o que bem nos revela quanto Camões admirava essa maravilha de

arte, que ao fluir da prosa lhe ocorriam os versos dela. Acabados os três anos da Capitania de Arguim, Cristóvão Falcão regressou a Lisboa em 1548. Em 10 de outubro de 1548 morre sua irmã D. Braçaida de Sousa, cujo segundo marido Heitor de Figueiredo alcaide-mor de Borba apodera-se dos bens do seu enteado; Cristóvão Falcão pugna a favor do sobrinho em carta de 11 de novembro de 1548, dirigida a D. João III : " fez meu pai, antes que partisse, petição a El-Rei, para lhe ser entregue seu neto e tirar do poder do padrasto."

É também por este ano de 1548 que se deve colocar o casamento de D. Maria Brandão com Luís da Silva de Meneses, capitão de Tanger, da qual houve dois filhos, Francisco da Silva e Margarida da Silva, vindo ela a falecer por fins de 1554, como o comprova a carta de quitação da Feitoria de Flandres de 28 de agosto de 1555. Ao fato do casamento de *Maria* glosou essa deliciosa canção que realça nos versos do Cancioneiro de Resende:

*Se vos eu vira casada
Com quem vos bem conhecera,
Já em vos ver descansada
Algum descanso tivera;
Mas o vosso mau casar
Dobra minha saudade.
Casada sem piedade,
Vosso amor me há de matar.*

*Mas ver-vos mal empregada,
Triste de vós e de mim,
De vós por ver-vos casada,
E de mim porque vos vi.*

A história nestes amores chegou a impressionar o público, como se vê pelo emprego do nome civil de *Crisfal*. O poeta, neste sofrimento, mais apreciaria o olvido que as consolações:

*Em descontento de meu mal,
Não queria maior bem
Que não mo saber ninguém.*

Cristóvão Falcão demorava-se em Portalegre para tratar das questões do sobrinho entregue a seu irmão Bernabé de Sousa. Para curar-se da decepção do consórcio de D. Maria Brandão, *a do Crisfal*, casou-se em Portalegre, como se lê em uma cópia de Nobiliário de Damião de Góes, com Aditamentos: "Cristóvão Falcão, filho de João de Almada Falcão. Cristóvão foi muito bom poeta. Casou com Isabel Caldeira, de quem não houve filhos; mas houve em uma mulher solteira um filho que se chamou Cristóvão Falcão, também." Em um Obituário encontrado por Antônio Sardinha, lê-se que Isabel Caldeira, filha de Mestre Mendo Caldeira e Mor Dias, e mulher de Cristóvão Falcão, falecera em 7 de maio de 1555. Desde 1548 a vida do poeta fora sempre agitada, tendo sido prezo porque ferira o meirinho de Portalegre, do que se fez uma devassa em maio de 1548; por interferência direta Dom João III, em carta aos Desembargadores, em 14 de julho de 1551, acudiu-lhe assinando depois o alvará de perdão.

Esta benevolência do rei e do príncipe D. João seria também devida à extrema simpatia manifestada pelos poetas portugueses, mandando copiar as composições de Sá de Miranda e de D. Diogo da Silveira, filho do poeta do *Cancioneiro Geral*, D. Luís da Silveira. Esta corrente de simpatia suspendeu-se bruscamente pela prematura morte do príncipe Dom João, celebrada por todos os poetas da nova Escola italiana. Neste ano de 1554 apareceu impressa em Ferrara a *História da Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro, e algumas *Églogas suas*, e desvendando o seu segredo: "Há uma mui agradável *Égloga chamada Crisfal*, que dizem ser de Cristóvão Falcão, o que parece aludir o nome da mesma *Égloga*."

As *Trovas de Crisfal* é que continuaram a ser citadas pelos escritores portugueses do século XVI, sinal de que a edição de Ferrara não chegaria a ser conhecida, porque os vestígios dela em edições avulsas do século XVII, derivaram da reprodução de 1559, de

Birckman, em Colônia. Neste ano de 1554 faleceu D. Maria Brandão; comprova-se pela quitação passada em 28 de agosto de 1555 aos herdeiros de João Brandão Sanches, Feitor de Flandres, de 1 de dezembro de 1520 ao fim de agosto de 1525. Os herdeiros são os filhos menores, de D. Maria Brandão representada por eles na pessoa de seu marido Luís da Silva de Meneses e genro do Feitor. Os últimos anos de Cristóvão Falcão parece apagam-se na prosa da vida, e quanto mais, os documentos históricos o trazem à concreta realidade, mais a lenda amorosa vem de novo aureolá-lo, com a tradição da *Fons Chrisfalis*, de que fala João Soares de Brito, no *Theatrum Luzitaniai Litterarium*: "conforme uma antiga tradição o mesmo Cristóvão Falcão se apaixonara por uma lindíssima mulher, D. Margarida da Silva, a tal ponto que tendo-se esta recolhido no convento de Lorvão, ele foi viver para aquele sítio e conservando-lhe constante amor até à velhice. Que no Lorvão ainda existia em 1635 uma *Fonte do Crisfal*, onde costumavam ir os namorados." Esta lenda formou-se sobre a *Segunda parte do Sonho de Crisfal*, que se julga ter sido impressa em 1571 na *Silvia de Lisardo*. A inscrição de seu filho como fidalgo da Casa Real em 1576, revela-nos ter sucedido a seu pai após esta data. A influência de Cristóvão Falcão reconhece-se em Camões, Jorge de Montemor, em Francisco Rodrigues Lobo, glosando algumas das suas Cantigas, em Manoel da Veiga e nos líricos que escaparam ao *Culteranismo*.

Cristóvão Falcão imitou Bernardim Ribeiro pela impressão primeira que lhe suscitou avocação poética; mas como tirava das suas emoções íntimas os elementos das belas idealizações, quando imita esse modelo dominante excede-o, como naquela imagem do fuso, que caía da mão da pastora esquecida em devaneio amoroso. Bernardim Ribeiro tinha esboçado essa imagem na *Égloga III*:

*Quando vem ao sol posto,
Que então soía de ver
Aquele formoso rosto,
Torno a ensandecer,
Porque perdi tanto gosto,
Que vinha sempre cantando,*

*Tão desejoso de vê-la,
E agora ando chorando,
Porque a achava fiando,
E eu porque me fiei dela.*

Cristóvão Falcão sentindo a beleza da situação, toma esse traço pitoresco e anima-o com um sentido moral:

*Ali triste, só, saudosa,
vi entre duas ribeiras
uma serrana queixosa
cercando umas cordeiras,
sendo cordeira formosa.
E, como ali tem por uso,
em uma roca fiando,
mas, como que ia cuidando,
caía-se-lhe o fuso
da mão de quando em quando.*

Camões não podia ser insensível à beleza natural deste quadro, e imitou-o em um dos seus *Sonetos*; perante a Carta de África se pode fixar o tempo desde quando Camões conheceu a *Égloga* de *Crisfal*. É admissível que existisse conhecimento pessoal entre os dois poetas, no regresso de 1543 de Itália, ou em 1548, terminado o triênio da Capitania de Arguim. Faria e Sousa, que escavava todos os lugares análogos e trechos de Camões, fixou o Soneto XLI da primeira centúria, aproximando-lhe a estrofe típica do *Crisfal*:

*Quantas vezes do fuso se esquecia
Daliana, banhando o lindo seio,
Outras tantas de um áspero receio
Salteado Laurênio a cor perdia.*
.....
*Como pode a desordem da natura
Fazer tão diferentes na vontade
Aos que fez tão conformes na ventura?*

Quando Camões, já na Índia, escrevia o quadro mais grandioso da sua Epopeia, o *Adamastor*, foi levado a servir-se de certas rimas do *Crisfal* a que deu um efeito estético inigualável:

*Que não sei como o conte
Mui quieto e mui quedo
Por ser entre monte e monte;*

*Que não sei como o conte
Estar junto de um penedo,
Por ser entre monte e monte.*

Jorge de Monte-Mor, que viera a Portugal no séquito da princesa D. Joana em 1553, conheceu a Égloga *Crisfal*, em que Maria tanto se parecia com Diana, pelo que diz do seu desgraçado casamento:

*Quiso bien y fué querida,
Olvidé y fué olvidada,
Esto causó mi casamiento
Que a mi me tiene cansada.
Casara yo con la tierra.
No me viera sepultada
Entre tanta desventura
Que no puede ser contada.
Nina me casó mi padre
De su obediencia forçada;
Puse à Sireno en olvido
Que la fé me tenia dada.
.....
Como vivirá la triste
Que se vê tan mal casada!*

Francisco Rodrigues Lobo deveu-lhe o timbre das deliciosas Esparsas que espalhou por entre as prosas da sua *Primavera*; e embora D. Francisco Manoel de Melo não o nomeie no *Hospital das Letras*, examina a *Sílvia de Lisardo*, onde se imita superiormente as belezas de *Crisfal*, completando a história dos amores do veemente

namorado. As numerosas edições de *Crisfal*, no século XVII, embora descuradas, mostram a simpatia com que eram recebidas pelo vulgo em edições de folha volante ou *pliego suelto*. O século XVIII desconheceu muito Cristóvão Falcão, apesar de apontado como autoridade quinhentista para o Dicionário da Academia das Ciências. A Arcádia desconheceu-o, ou não tomou conhecimento do *Crisfal* pela edição plebeia de 1721. José Agostinho de Macedo, pelas tradições lorbanenses da *Fons Chrisfalis*, é que conseguiu ver um raro exemplar da *Égloga*, e debalde chamou para ela a atenção do jovem poeta Antônio Feliciano de Castilho, em 1824, para afastar o ingênuo *Mênide Eginense* do desorado arcadismo das *Cartas de Eco e Narciso*. Castilho estava virado para a imitação dos bucólicos alemães, e Macedo declara-lhe: *Todas as traduções da coleção de Huber não valem um Cristóvão Falcão, autor daquelas "namoradas Trovas", como diz um historiador nosso... Olhe que os antediluvianos não eram mais chorões que Crisfal quando diz:*

*E por quanto certo sei
Que as lágrimas são salgadas
Aquelas doces achei...*

*Em uma roca fiando,
Mas o fuso lhe caía
Dos dedos de quando em quando.*

Castilho não pôde seguir a indicação de José Agostinho de Macedo, por que era de extremararidade a *Égloga Crisfal*, que desde 1721 não fora mais reimpressa. Garret não pôde incluí-la no *Parnaso lusitano*, e não o aprecia no seu belo quadro da história da Literatura portuguesa. No começo do século XIX, quando o sábio Bouterwek imprimia a *História da Literatura Espanhola*, limitava-se a aditar-lhe um capítulo final sobre a Literatura portuguesa; mas por felicidade, as suas relações em 1802 com um erudito português, que lhe comunicara os seus subsídios sobre os escritores pátrios, levaram-no a escrever sobre esse ignorado assunto um volume, dando o quadro completo da *História da Literatura Portuguesa*. Nesta obra, depois de apreciar com suma lucidez Bernardim Ribeiro, apresenta um rápido

mas nítido estudo sobre Cristóvão Falcão; vê-se que conheceu a edição de Colônia de 1559, e comparando o estilo do *Crisfal* com o das Églogas de Bernardim Ribeiro, considera o estilo e linguagem daquele mais arcaicos. Isso já notáramos, mas este juízo leva-nos à observação que Bernardim Ribeiro era um graduado da Universidade de Lisboa e em relações pessoais com humanistas; e Cristóvão Falcão que só tarde entrou na vida da corte. Bouterwek considera que as Canções líricas que se seguem ao *Crisfal* pertencem também a Cristóvão Falcão; e conhecendo a importância da *Carta*, em que o poeta alude à sua prisão, transcreve essa rubrica explicativa, pelo seu valor histórico. Vê-se que no princípio do século XIX começava a ser estudado Cristóvão Falcão: Bouterwek transcreve no seu texto alemão seis das mais lindas estâncias do *Crisfal*, em português. Isso bastava para acordar o interesse da crítica europeia. Foi devido a esta notícia que um curioso português que estivera em Hamburgo com casa comercial, durante as lutas fratricidas dos Braganças, adquiriu o raríssimo exemplar de Colônia de 1559, que guardou com o mais egoístico carinho, sobre o qual planeava uma novela no estilo das do Conselheiro Bastos. Desse exemplar é que saiu a cópia, que serviu para a edição feita no Porto em 1871 longe do recurso do Arquivo e das Bibliotecas, que no ano seguinte viemos a frequentar em Lisboa. Não pudemos logo recomeçar em Lisboa o nosso estudo; novos volumes da *História da Literatura Portuguesa* vieram a lume, e uma intensa atividade de propaganda filosófica e política, de conferências, congressos, comícios, revistas e jornais afastaram-nos desses estudos encetados. Estava provocado o interesse por Cristóvão Falcão; mas fizeram-se estudos, investigações e críticas subjetivas, folhetos, livros e polémicas, reclames retumbantes em gazetas, para concluir que Cristóvão Falcão era um mito com que andamos séculos iludidos.

TEÓFILO BRAGA

"Obras de Cristóvão Falcão" (1915)

Pesquisa e adaptação ortográfica: Iba Mendes (2019)

CRISFAL



AUTOR

Entre Sintra, a mui prezada,
e serra de Ribatejo
que Arrábida é chamada,
perto donde o rio Tejo
se mete n'água salgada,
houve um pastor e pastora,
que com tanto amor se amaram
como males lhe causaram
este bem, que nunca fora,
pois foi o que não cuidaram.

A ela chamavam Maria
e ao pastor Crisfal,
ao qual, de dia em dia,
o bem se tornou em mal,
que ele tão mal merecia.
Sendo de pouca idade,
não se ver tanto sentiam,
que o dia que não se viam,
se viam na saudade
o que ambos se queriam.

Algumas horas falavam,
andando o gado pascendo,
e então se apascentavam
os olhos, que, em se vendo,
mais famintos lhe ficavam.
E com quanto era Maria
pequena, tinha cuidado

de guardar melhor o gado
o que lhe Crisfal dizia;
mas, enfim, foi mal guardado.

Que, depois de assim viver
nesta vida e neste amor,
depois de alcançado ter
maior bem para maior dor,
enfim se houve de saber
por Joana, outra pastora,
que a Crisfal queria bem.
Mas o bem que de tal vem
não ser bem maior bem fora,
por não ser mal a ninguém.

A qual, logo aquele dia
que soube de seus amores,
aos parentes de Maria
fez certos e sabedores
de tudo quanto sabia.
Crisfal não era então
dos bens do mundo abastado
tanto como do cuidado;
que, por curar da paixão,
não curava do seu gado.

E como em a baixeza
do sangue e pensamento
é certa esta certeza:
cuidar que o merecimento
está só em ter riqueza;
em querer que teria,
e do amor não curaram;
em que bem se descontaram
riquezas, se falecia,
por males que sobejaram.

Levaram-na a longes terras,
então, descontentes disto,
esconderam-na entre serras,
onde o sol não era visto,
e a Crisfal deixaram guerras.
Além da dor principal,
para maior pena lhe dar,
puseram-na em lugar
mau para dizer seu mal,
mas bom para o chorar.

Ali os dias passava
em mágoas, da alma saídas,
dizer a quem longe estava,
e chorava por perdidas
as horas que não chorava!
Em vale mui solitário e
sombrio e saudoso,
sendo o monte temeroso,
para o choro necessário,
para a vida mui danoso.

Dizer o que ele sentia,
em que queira, não me atrevo,
nem o chorar que fazia;
mas as palavras que escrevo
são as que ele dizia.
Ali sobre uma ribeira
de mui alta penedia,
donde a água d'alto corria,
dizendo desta maneira
estava a noite e o dia:

FALA CRISFAL

Os tempos mudam ventura

bem o sei, pelo passar;
mas, por minha grande tristura,
 nenhuns puderam mudar
 a minha desventura.
Não mudam tempos nem anos
 ao triste a tristeza;
 antes tenho por certeza
 que o longo uso dos danos
 se converte em natureza.

Coitado de mim, cuidado,
 pois meu mal não se amansa
 com choro nem com cuidado;
 quem diz que o chorar descansa
 é de ter pouco chorado;
 que, quando as lágrimas são
 por igual da causa delas,
 virá descanso por elas;
 mas como descansaram,
 pois que são mais as querelas?

Contudo, olhos de quem
 não vive fazendo tal,
 chorai mais que os de ninguém,
 que o que é para maior mal
 tenho já para maior bem.
 Lágrimas, manso e manso,
 prossigam em seu ofício;
 que não façam benefício;
 não servindo de descanso,
 servirão de sacrifício.

Minhas lágrimas cansadas,
 sem descanso nem folgança,
 a minha triste lembrança
 vos tem tão aviventadas
 como morta a esperança.

Correi de toda vontade,
que esta vos não faltará.
Mas isto como será?
Pedi-la-ei à saudade,
e a saudade ma dará.

Todos os contentamentos
de minha vida passaram,
e enfim não me ficaram
senão descontentamentos
que de mim se contentaram.
Estes, pelo meu pecado,
inda que nunca pequei
a e quem amo e amarei,
nunca desacompanhado
me vejo nem me verei.

Faz-me esta desconfiança
ver meu remédio tardar,
e já agora esperar
não ousa minha esperança,
por me mais não magoar.
Se por isto desmereço,
de ser minha a culpa assim
e seja já com afim,
que há muito que me conheço
aborrecido de mim.

Meu coração, vós abristes
caminho a meus cuidados,
para virem a ser banhados
na água de meus olhos tristes,
tristes, mal galardoados.
Necessário é que vamos
algum remédio buscar
para se a vida acabar;
este é o bem que desejamos,

este é o nosso desejar.

Iremos pela estrada
por onde os tristes vão,
porque nela, por razão
deve ser de nós achada,
achada consolação.
Subir-me-ei ao pensamento,
que é alto; de ali verei,
verei eu se poderei
ver algum contentamento
de quantos perdidos hei.

Mas o que poderá ver
quem já da vista cegou?
Porque quem me a mim levou
meu alongado prazer
nenhum bem ver me deixou.
Deixou-me em escuridade,
um mal sobre outro sobejo,
pelo que triste me vejo
tão longe de liberdade
como do bem que desejo.

Verei a vida, que em vida
bem vista tanto aborrece,
aborrece a quem padece
tristeza mal merecida,
que minha fé mal merece.
Levaram-me toda a glória,
com quanto bem desejei,
desejei e alcancei;
ficou-me só a memória,
por dor, de quanto passei.

Lembrança do bem passado,
que não devera passar,

esta me há de matar;
dá-me tal dor o cuidado,
qual não se pode cuidar.
Nada, se não for a morte,
me dará contentamento:
segundo sei do que sento,
não sento prazer tão forte
que conforte meu tormento.

Não devo eu mal querer
a quem me aqui deixou;
que ouvido não possa ser,
já me algum bem ficou,
sem meu mal puder dizer.
Mas, triste, não sei que digo;
isto é falar a esmo:
que assaz me foi inimigo
quem se vingou de mim mesmo
com me só deixar comigo.

Que me queira consolar,
o meu mal não tem conforto
nem eu lho posso buscar;
para o prazer sou morto
e vivo para o pesar.
Quanto mal tão desvairado
e todos para dar fim!
Tudo me é contrário, assim:
descuido matou meu gado,
cuidado matou a mim.

Como não cansais de ser,
vida de tão longos males,
que eu canso já de viver,
e o eco destes vales
cansa de me responder?
As ribeiras, em eu vê-las,

correm mais do que é seu foro,
entrando meu chorar nelas;
e, pois ainda que choro,
quero só falar com elas:

Companheiras do meu mal,
águas que d'alto correis,
onde caís desigual,
parece que me dizeis:
— Por que não choras, Crisfal? —
Contar-vos quero, amigas,
o que esta noite sonhei,
com o qual tal dor tomei,
que minhas muitas fadigas
em mais fadigas dobrei.

Depois de ontem deixar
de vos contar os meus males,
fui-me cá baixo ajeitar
no mais baixo destes vales,
vales bem de meu penar;
onde, depois que aos ventos
descobri minhas paixões,
gastadas muitas razões,
mudei os meus pensamentos
em minhas contemplanções.

Contente de descontente,
a noite sendo calada,
como é certo em quem sente,
não ficou coisa passada
que me não fosse presente.
Vindo-me à memória dar,
quando andava com o gado,
ter com Maria sonhado,
fez-me o dormir desejar,
de mim pouco desejado.

Crendo que aproveitasse
para meu contentamento
que eu com ela sonhasse,
e dê lugar a meu tormento
algum pouco repousasse.
Porém cansado estava
do que no dia passei,
a dormir pouco tardei;
e, adormecido sonhava
o que vos ora direi:

SONHO

Sonhava, em meu sonhar,
onde dormindo estava
ali velando estar,
quando da parte do mar
grande vento se levantava,
o qual com tal sobressalto
chegava onde eu jazia,
e que da terra me erguia
em tanto extremo alto
que a vista me falecia.

Vendo-me em lugar tal,
baixei os olhos a terra,
onde estava o meu mal,
e os vales e a serra
tudo julguei por igual;
mas como aborrecido
tanto da vida andasse,
que meu mal já desejasse,
temor tão pouco temido
não creio eu que se achasse.

Depois de me ser mostrado

este perigo de morte,
a terra mais abaixado,
contra a parte do norte
sonhava que era levado.
Entre Tejo e Odiana
era o meu caminhar,
donde poderei contar,
se o que notei não me engana,
coisas bem para notar.

Porque vi muitos pastores
andar guardando seus gados,
vestidos de alegres cores,
bem fora dos meus cuidados,
mas não dos de seus amores;
nem querendo mais haveres
nem querendo mais riqueza,
que amor tudo despreza;
mas todos os seus prazeres
foram para mim tristeza.

Em um vale, descontente
estar Antônio vi,
que quase não conheci,
sendo bem meu conhecente.
Aquele é o pastor
que já veio aqui buscar-me,
não mais que por consolar-me;
e veio com tanta dor,
que dor me dá ao lembrar-me.

Chorando lágrimas mil,
estava consigo só
ao modo pastoril
de dó, bem para haver dó,
tinto o hábito vil.
Em uma flauta tangendo,

ao pé de uma árvore estava;
dês que da boca a tirava,
de dentro d'alma gemendo,
em vez de cantar, chorava.

Quisera-o eu consolar,
mas em cujo poder ia
não me deu a mais lugar
que ouvir-lhe que dizia:
"Oh! Guiomar! Guiomar!
Em vós pus minha esperança,
e quanto ela encobre
agora em dor se descobre:
perigos, desconfiança
fizeram do rico pobre."

Assim, por ele passando,
— Antônio, tenhas prazer!
lhe dixei, grande brado dando,
até o da vista perder,
os olhos nele deixando.
Deus lhe dê contentamento,
pois que nos fez a ventura
companheiros na tristura,
em que seu e meu tormento
cada vez tem menos cura.

Daqui fomos correndo
até o Tejo passar,
a água de quem eu vendo,
me foi dor sobre dor dar,
indo já dor padecendo.
Chorando a lembrança dela,
virada foi minha face
para onde o gado pasce
da grande Serra da Estrela,
da qual o Zêzare nasce.

Posto no seu alto cume,
deixaram-me ali estar.
O meu coração presume
que foi por me magoar,
como tinham por costume.
Dali os pães semeados
ver a meus olhos deixaram,
que por não grados julgaram;
mas, posto que foram grados,
eu sei que não me agradaram.

Já o sol se encobria
a este tempo, e mais
ficando a terra sombria,
e o gado aos currais
já então se recolhia;
ouvi cães longe ladrar,
e os chocalhos do gado
com um tom tão concertado,
que me fizeram lembrar
de quanto tinha passado.

Por serem as queixas vãs,
vi berrar o gado mocho,
coberto das finas lãs,
e assoviava o mocho
e o triste cantar das rãs.
Já serranas ao abrigo
se iam, os prados deixando,
as mais delas suspirando:
uma dizia: — Ai, Rodrigo!
outra dizia: — Ai, Fernando!

Uma ciúmes temia,
outra de si tem receio;
uma ouvi que dizia:

“Quão asinha a noite veio!”

Outra: — “Já tarda o dia!”

E por este experimento
foi Amor de mim julgado
por não menos ocupado
do que é o pensamento,
que nunca está descansado.

Ali triste, só, saudosa,
vi entre duas ribeiras
uma serrana queixosa
cercando umas cordeiras,
sendo cordeira formosa.
E, como ali tem por uso,
em uma roca fiando,
mas, como que ia cuidando,
caía-se-lhe o fuso
da mão de quando em quando.

Tendo parecer divino,
para que melhor lhe quadre,
cantar cantou dele digno:

*Yo me iba, la mi madre,
a Santa Maria del pino.*

O vestido lhe olhei
e vi que era um brial
de seda e não de saial,
a qual eu afigurei
a manga larga do bucal.

Depois de acabar seu canto,
dizia: — Ninguém me crer
por me ver alegre tanto;
visto-me à vontade alheia
e o meu cantar é pranto.
Anda a dor dissimulada,

mas ela dará seu fruto;
a minha alma traz o luto:
de pouco são esposada,
mas descontente de muito.

Troquei amor por riqueza,
porque mo trocar fizeram;
mas bem pago esta crueza,
que, em que cem contos me deram,
descontaram-se em tristeza.

A meu esposo aborreço
quando lembrança me vem
do primeiro querer bem;
ninguém venda amor por preço,
pois ele preço não tem.

Não tenho que lhe falar
se não são coisas passadas;
se lhe estas quero contar,
vão ser todas namoradas
para o pouco namorar.

Fora ele o meu amor
e vivera eu pobrementel...
Que grande engano de gente!
Que pobreza há maior
que a vida descontente?!

Quando com ele me assento,
mil vezes caio em mímica,
porque, por esquecimento,
falando, descobre a língua
o que está no pensamento.

Faz-nos isto então ficar
eu muda e ele mudado;
ama-me como é amado;
para mim disto guardar

por bom hei guardar o gado.

Maria perdi — mesquinha!
Logo em sermos apartadas,
do meu mal fui adivinha;
melhor sejam suas fadas
do que foi a fada minha.
Deus a dê ao seu Crisfal,
por ambos contentes ter,
e mais não lhe quero ver,
mas já sei, pelo meu mal,
o bem d'outrem escolher.

Quando a eu assim ouvi
doer-se de minha pena,
com novos olhos a vi,
e então que era Helena,
minha amiga, conheci.
Esta pastora e dama
certo que melhor lhe ia
quando a *cantar ouvia*,
dando fé — *que em sua cama*
o velho não dormiria.

Pena me deu de não crer
vê-la em tal tristeza posta;
quisera-lhe eu responder,
mas trespôs uma trespоста,
pelo qual não pôde ser.
Depois de ver-me sem ela,
os meus olhos me choraram:
quantas coisas lhe lembraram
que entre mim, Maria e ela
em outros tempos passaram!

Desde que isto meu cuidado,
me estive fazendo guerra,

sendo o dia já passado,
vi-me levado da terra,
contra as nuvens alçado.
Então, como que voante,
de quem me ali trouxera
sonhei que levado era
por meu caminho avante,
o sol vi que se pusera.

Indo não com menos dor,
inda que com mais sossego,
os ventos me foram pôr,
depois de passar Mondego,
andando de mal em pior.
Ali vi grandes montanhas
de alguns vales cobertas,
aos naturais estranhas,
onde vi mui descobertas
minhas mágoas ser tamanhas.

Junto de uma fonte era
o lugar onde fui posto,
onde, certo, não quisera,
sendo bem lugar de gosto
para quem gosto tivera;
mas a mim nem o passado
nem o que me era presente
nada me não fez contente,
que nisto o magoado
é como o muito doente.

LIII

Coberta era a fonte
de tão fresco arvoredado,
que não sei como o conte,
estar junto de um penedo,
por ser entre monte e monte.

A noite de ventos muda,
como saudade se colha;
e porque mais prazer tolha,
chovia água miúda
por cima da verde folha.

Depois que ali chegava,
ou depois que ali cheguei,
sonhava que acordava;
e do que atrás passei
de ser sonho me lembrava.
O que então me era mostrado
tendo só por verdadeiro,
ao pé de um castanheiro
me pus, triste, assentado,
ouvindo o tom de um ribeiro.

Meus olhos e eu passamos
ali a noite em clamores,
até que ao tempo chegamos
a que nós outros, pastores,
o dipêndio chamamos.
Naquele tempo corrompe
aquele que ama real
o silêncio de seu mal,
que é quando a alva rompe
e o dia faz sinal.

Então porque tudo o fale,
contando as mais paixões
que razão é que não cale,
ouvi gritar uns pavões
lá no mais baixo do vale.
Trás isto, pouco tardando,
um doce cantar ouvia
que na minha alma caía,
o qual eu, bem escutando,

entendi que assim dizia:

Não sei para que vos quero,
pois me d'olhos não servis,
olhos a que eu tanto quis!

Para ver me fostes dados,
vós só a chorar vos destes;
e se eu tenho cuidados,
meus olhos, vós nos fizestes:
dês que neles me pusestes,
de descanso me fugis,
olhos a quem eu tanto quis!

Meus olhos, por muitas vias
usais comigo cruezas;
tomais as minhas tristezas
para vossas alegrias.
Então noites, então dias,
olhos, nunca me dormis:
olhos a quem eu tanto quis!

Quando vós primeiro vistes,
que não me era bom sabíeis;
mas, por gozar do que víeis,
em meu dano consentistes.
O que então me encobristes,
agora mo descobris,
olhos a quem eu tanto quis!

Ando-vos a vós buscando
coisas que vos deem prazer,
e vós, quando podeis ver,
tristezas me andais tornando.
Agora vou-vos cantando,
vós a mim chorando me is,
olhos a que eu tanto quis!

Quem o que digo cantava,
dês que o cantado teve,
não sei o que o causava,
mas espaço se deteve
assim como que cuidava.
Depois de cuidado ter,
a voz de novo alçou;
este canto começou,
o qual devia de ser
aquilo em que cuidou:

Como dormirão meus olhos?
Não sei como dormirão,
pois que vela o coração.

Toda esta noite passada,
que eu passe em sentir,
nunca a pude dormir,
de ser muito acordada.
Dos meus olhos foi velada;
mas como não velarão,
pois que vela o coração?

As horas dela cuidei
dormi-las, foram veladas;
pois tão bem as empreguei,
dou-as por bem empregadas.
Todas as noites passadas
neste pensamento vão,
pois que vela o coração.

Pássaros, que namorados
pareceis no que cantais,
não ameis, que, se amais,
de vós sereis desarmados.
E em meus olhos agravados

vereis se tenho razão,
pois que vela o coração.

Como a cantiga mostrava,
fui-me eu logo julgar,
era a voz de quem cantava,
que, por mais de bem cantar,
eu ouvir me contentava;
porque de quem ser podia
então suspeita me deu,
que todo o cantar seu
era o da minha Maria
ou a do desejo meu.

Com um temeroso prazer,
que soe ter quem deseja,
esperando eu de ver
a quem eu ainda veja,
antes da vida perder.
Neste desejo, de cima
estando-a eu ouvindo,
a Deus ser ela pedindo,
vi-a vir o vale acima
em seu cantar prosseguindo.

Muito a vi eu mudada;
mas, com tudo, conheci
ser a minha desejada,
a quem , assim vendo, vi,
a vista no chão pregada,
com o seu cantar pensoso
e passadas esquecidas,
ao tom dele medidas,
vestida vir de arenoso,
as mãos nas mangas metidas.

Uma coifa não lavrada,

antes sem nenhum lavor;
e em cima, por mais dor,
uma talhinha pedrada
ou um pedrado tanor.

Quisera-a ir receber,
vendo-a ante mim presente,
mas não pude, de contente,
que, indo para me erguer,
de prazer me achei doente.

Vendo então que me forçava
o prazer fazer demora,
olhei o que mais passava
e vi-a, que àquela hora
comigo emparelhava.
Dando uns mui doces brados,
saídos do coração,
a cantiga vinha então:
em meus olhos agravados
vereis se tenho razão.

Ao que eu responder
me lembra: — São agravados?
Podem logo os meus dizer
que são bem-aventurados,
pois que vos puderam ver.
Como ela em me ouvir
grande sobressalto sentisse,
quis fugir; mas quem lhe disse
que se pusesse em fugir
lhe fez com que não fugisse.

Nas mulheres o temor
tanto o poder impede
quanto o medo maior for,
e contra donde procede
os olhos costumam pôr.

Ela fazendo-o assim,
vendo-me, ficou mudada;
depois, já em si tornada,
se chegou mais para mim,
a ser bem certificada.

Depois de me visto ter
e já que me conhecia,
lágrimas lhe vi correr
dos olhos, que não movia
de mim, sem nada dizer.
Eu lhe disse: — Meu desejo,
(vendo-a tal com assaz dor),
desejo do meu amor,
crerei eu ao que vejo
ou crerei ao meu temor.

A isto, bem sem prazer,
me tornou então assim,
com voz de pouco poder:
“Crisfal, que vês tu em mim
que não seja para crer?”
Eu lhe respondi: — Perder-vos
de vos ver, por tanto ano,
faz-me assim temer meu dano,
que vejo meus olhos ver-vos
e temo que me engano.

“Pois crê certo que esta são”,
deu a isto por resposta,
ainda que alegre não.
E quem em tal dor é posta
o que dela não crerão?
Bem é de crer o meu choro,
a que tu causa me deste;
não te espante o que fizeste,
que quem me pôs neste foro

tu és o que me puseste.

Por ti vim eu desterrada
a estas estranhas terras
de donde eu fui criada;
e por ti, entre estas serras,
em vida são sepultada,
onde a se me perderam
a frol dos anos se vão;
ora julga se é razão
das minhas lágrimas serem
menos daquelas que são.

Depois que isto falou,
como quem em si respeita,
as mãos ambas ajuntou,
e, postas na face direita,
dizer assim começou:
“Sobre o muito que perdi,
nenhuma coisa duvido
em ter o saber perdido,
pois tão mal me defendi
do que me era defendido.”

Eu lhe perguntei a hora,
mui triste de assim a ver:
— Quem teve tanto poder
que tenha poder, senhora,
de nada vos defender?
Respondeu por entre dentes,
como fala quem se peja:
— Dir-to-ei, em que erro seja:
defendem-me meus parentes
que te não fale nem veja.

E, Crisfal, é-me forçado
fazer a vontade sua,

porque lho tenha jurado
e também porque da rua
o certo me têm mostrado;
que me dão certa certeza,
porque fazem conhecer-me
(o que eu hei por grande crueza)
o amor que mostras ter-me
ser só por minha riqueza.

Ouvir-lhe eu isto me era
passar o trago mortal,
que não há coisa tão fera
como é achar-se o mal
onde o bem achar se espera.
Vendo já que estava posta
em o que eu não esperei,
com minha dor, trabalhei
por lhe dar esta reposta
que me lembra que lhe dei:

— Ó Maria, ó Maria,
brando achara meu mal,
se, para minha alegria,
vos vira a vontade tal
como me ela ser devia;
mas não é nova usança
quem grande bem esperou
não ver o que desejou.
Muito pode a mudança,
pois que vos tanto mudou!

Quem pudera suspeitar
que no amor e na fé
me havíeis de faltar!
Mas pois já isto assim é,
tudo é para cuidar;
pois, por mais mal que se guarde,

sempre será meu amor
como a sombra, enquanto eu for:
quanto vai sendo mais tarde,
tanto vai sendo maior.

Quando vos dei a vontade,
inda vós éreis menina
e eu de pouca idade;
mas caiu minha mofina
sobre a minha verdade.
Muito vos quis bem, primeiro
que de riquezas soubesse,
pois meu amor verdadeiro,
de quem só sois interesse
quem me faz interesseiro.

Sobre a terra anda o gado
e sobre ela ouro e riqueza;
mas para que é desejado,
que enfim não tira tristeza
e acrescenta cuidado?
Não sei em que se encerra
ser esquecida e estranha:
esta verdade tamanha:
cá fica o haver na terra,
o amor a alma acompanha.

Nus neste mundo nascemos
e nus sairemos dele;
neste meio que vivemos,
só o rico é aquele
que ser contente sabemos.
E que grandes bens vos dessem
aqueles que vo-los deram,
eu sei bem que nus nasceram,
e antes que os tivessem
é certo que não tiveram.

LXXXVII

Pois se isto é assim
e o eu tão bem conheço,
como se crerá de mim
que sofrer o que padeço
pode ser a este fim?
Cuidar que cuidado tinha
das vossas riquezas grossas?!...
Nas coisas passadas nossas,
vereis ser riqueza minha
vós, que não riquezas vossas!

Mas que fosse assim e mais,
que remédio vos dão
com quem conselho tomais
à grande obrigação
em que, quanto a Deus, me estais?
Que não são casos pequenos
para que se a alma não doa...
Respondeu: — Essa é boa:
dizem que isso é o menos,
que Deus que tudo perdoa.

E dizem que eu moça era
ao tempo que isso foi ser;
e como tempo de crescer
tinha, que assim justo me era
tê-lo de me arrepender.
Isto e mais se me diz
— crê que te falo verdade —
que não tinha liberdade
para fazer o que fiz,
por minha pouca idade.

Então me mandam que meça
amor com quão longe estamos,

para que mais não me empeça;
e se prazeres passamos,
os dissimule e esqueça;
e que então me buscarão
um mui grande casamento,
tão de meu contentamento
quanto meus olhos verão;
e que o mais creia que é vento.

Muitos pastores buscaram;
mas um pastor, por ser-te amigo,
e outro, por ser-te inimigo,
um e outro se escusaram;
e dão-lhe logo comigo
gado, que farão mil queijos;
mas o com que se despediram
é já mostrar que temiam
que o sabor dos teus beijos
na minha boca achariam.

E eu, de mui esquecida
vou-lhe fazer o contrário!
A ser tal culpa sabida,
sei certo que este desvairo
pagarei com minha vida.
E em isto ser assim
assaz de razão seria,
pois tão mal naquele dia
o seu mandado cumpri
como o que a mim cumpria.

Não te veja aqui ninguém,
vai-te, Crisfal, desta terra;
não quero teu querer bem,
porque me não dê mais guerra
da que já dado me tem.
Em lhe isto eu ouvindo,

fui para lhe responder;
mas, depois de o dizer,
contra donde tinha vindo
se me tornou a volver.

Dei uma voz mui dorida:
— Por que me negais conforto,
alma desagradecida?
Então caí como morto,
oxalá perdera a vida.
Não sei eu o que passou,
enquanto isto passei,
mas junto comigo achei
quem me este mal causou,
depois já que em mim tornei.

E dizendo: "Ó mesquinha,
como pude ser tão crua!"
bem abraçado me tinha,
a minha boca na sua
e a sua face na minha.
Lágrimas tinha choradas
que com a boca gostei;
mas, com quanto certo sei
que as lágrimas são salgadas,
aquelas doces achei.

Soltei as minhas então,
com muitas palavras tristes,
e tomei por conclusão:
— Alma, por que não partistes,
que bem tínheis de razão?
Então ela, assim chorosa
de tão choroso me ver,
já para me socorrer,
com uma voz piedosa
começou-me assim dizer:

— Amor de minha vontade,
ora não mais! Crisfal manso,
bem sei tua lealdade:
ai, que grande descanso
é falar com a verdade!
Eu sei bem que não me mentes,
que o mentir é diferente:
não fala d'alma quem mente.
Crisfal, não te descontentes,
se me queres ver contente.

Minha fé te é verdadeira,
no mal que te fiz o vi;
porque, enfim, à derradeira,
não quero mal contra ti
que o meu coração queira.
Por me ver livre de dor,
deixara eu de te querer,
se o pudera fazer;
mas poder e mais amor
não podem estar num poder.

Quando contigo falei
aquela última vez,
o choro que então chorei
que o teu chorar me fez,
nunca o eu esquecerei.
Foi esta a vez derradeira
mas começo de paixão,
passando-me eu então
para o casal da Figueira,
do Vale de Pantaleão.

Neste passo acordei eu,
e o meu contentamento,
que eu cuidava que era meu,

deu-me depois tal tormento
qual nunca coisa me deu.
Não sei eu que a Deus custava,
porque não me outorgara
que nesta glória ficara,
ou pois que já acordava,
que disto não me acordara.

Assim como nos lugares,
em morte e enterramento,
os sinos dobram a pares,
morreu meu contentamento,
dobraram-se meus pesares.
Por quem grande dita tivera,
se, por dar fim a tristura,
eu neste tempo morrera!
Sabe Deus que eu bem quisera,
mas não quis minha ventura.

Não vos posso mais contar,
águas minhas, minhas águas,
que me não deixa pesar.
Ora chorai minhas mágoas,
que bem são para chorar;
que, em que cem olhos tivera,
como teve Argos pastor,
da vaca Iono guardador,
mais olhos mister houvera
para chorar minha dor.

Por me isto alembrear,
não vos pareça história,
que as coisas de muita glória,
com as de grande pesar,
recebe bem a memória.
Por sonho, antes vos ponho
o que sem dormir os vi;

por meu mal foi todo afim ;
mais seja para vós sonho,
pois sonho foi para mim.

Isto que Crisfal dizia,
assim como o contava
uma ninfa o escrevia
num álamo que ali estava,
que ainda então crescia.
Dizem que foi seu intento
de escrevê-lo em tal lugar,
para por tempo se alçar
onde baixo pensamento
lhe não pudesse chegar.

Eu o treladei dali,
donde mais estava escrito
que aqui não escrevi,
porque mal tão infinito
não se lhe pode dar fim.
O que se fez de Crisfal
não sabe certo ninguém;
muitos por morto o tem,
mas quem vive em tanto mal
nunca vê tamanho bem!



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com